Radiojornalismo no Ciberespaço: manifestação de expressividades e possibilidades em plataformas virtuais[1]

Carlos Augusto Tavares Junior

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

Resumo

O compartilhamento de informação radiojornalística representa um fenômeno contemporâneo observado nas redes virtuais que envolvem a divulgação e uma produção de mídia pessoal, baseada na experiência subjetiva. Desta forma, emergem novas formas de expressividades a partir da dinâmica da interatividade, característica ressaltada por Gisela Swetlana Ortriwano sobre o debate sobre as manifestações radiofônicas. As redes redefinem as pautas e, assim, a cobertura radiojornalística. Também se pretende estudar a constatação de uma expressão alternativa, segmentada em nichos diante de uma saturação do modelo radiofônico que não supre diversos perfis. Neste contexto, torna-se essencial detectar as possibilidades de expansão das relações humanas sociais a partir de redes cibernéticas, ou seja, se o compartilhamento de radiojornalismo contribui para a ampliação de repertório informativo.

Palavras-chave

Rádio; Radiojornalismo; Compartilhamento; Expressividades; Ciberespaço.

1. Introdução

Pressupor um radiojornalismo participativo no próprio rádio requer a consideração de certos elementos da teoria cibernética, precisamente do enfoque da sociedade em rede, em que a informação torna-se parte integral de toda a atividade humana (CASTELLS, 2011, p. 108). Neste caso, as ocorrências de debates gerados pelos impactos de uma notícia podem atingir qualquer pessoa que se depare com tal discussão. Com isso, a reportagem se desdobra do rádio para o meio social e lá a demanda para o esclarecimento de fatos e a constatação de novos elementos, suscitados nos debates, desemboca na reivindicação da interatividade, quando o ouvinte deseja se pronunciar e desta forma, buscar esclarecimentos. Ou seja, em uma última análise, deseja compreender e aprender.

[1] Trabalho apresentado no GP *Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas*, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A participação em si, desperta a atenção de fatores importantes sobre o rádio, a se considerar que tais limitações não se aplicam diretamente sobre o meio. Para Gisela Swetlana Ortriwano (1998), a produção radiofônica sistematizou um limite para a participação da radioemissão e o regimento de pautas, cuja saturação dispersa e tolhe o elemento interativo.

Existem diversas considerações sobre o caminho a ser trilhado: para os publicitários e escritores, Ricardo Ramos e Pyr Marcondes (1995), o uso da palavra *cyber* engloba a comunicação eletrônica – logo, as tecnologias que aproximaram espaços em um ambiente virtualmente físico, ainda que os sujeitos façam esse contato à distância: desde o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, as redes via satélite e, posteriormente, a Internet com aparelhos multimídia – habitariam um mesmo ciberespaço.

Assim, considera-se a existência de uma dificuldade entre gerações de comunicação, conforme o quadro analisado por Pierre Lévy, ao abordar o quesito *controle de mensagens*: e as técnicas empregadas: arcaico-somática, como a "produção por corpos vivos e variação das mensagens em função do contexto" (LÉVY, 1999, p. 58); midiático-molar: "fixação, reprodução, contextualização e difusão das mensagens" (IDEM); e digital-molecular: "produção e interação por contexto" (IBIDEM).

2. Compartilhamentos e expressividades no rádio

O rádio, como tecnologia de comunicação se destaca pela agilidade e facilidade de acesso, ao utilizar linguagem oral, instantaneidade e baixo custo, com um diferente recurso de acoplar outras mídias, como o telefone, o texto e a imagem formada pela cognição da narração. Com isso, o sociólogo e radialista alemão Walter Benjamin (in: MEDITSCH; ZUCULOTTO, 2008), constatou possibilidades que superavam a expansão do som:

> Pois as tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos, são insolúveis na perspectiva puramente óptica: pela contemplação. Elas se tornam realizáveis gradualmente, pela recepção tátil, através do hábito. Mas os distraído pode habituar-se. Mais: realizar certas tarefas, quando estamos distraídos, prova que realizá-las se tornou para nós um hábito. Através da distração, como ela nos é oferecida pela arte, podemos avaliar indiretamente até que ponto nossa percepção está apta a responder a novas tarefas. E como os indivíduos se sentem tentados a esquivar-se a tais tarefas, a arte conseguirá resolver as mais difíceis e importantes sempre que possa mobilizar as massas. (BENJAMIN in: MEDITSCH; ZUCULOTTO, 2008, p. 157).

Por meio desta dinâmica de construção de repertório, o dramaturgo e ensaísta Bertolt Brecht elabora a "Teoria do Rádio", busca possibilidades e sugere intervenções para estimular o diálogo, como a utilização da "arte com fins pedagógicos" (in: MEDITSCH, 2005, p. 35). Para discutir a complexidade da cognição, como o entendimento da informação, Brecht também produz o texto "Cinco maneiras de dizer a verdade" (1966, p. 259), em que a descrição de uma ocorrência precisa ser sistematizada, a fim de se evitar: omissões, erros de compreensão e uma provável distorção do que realmente teria acontecido. Ao mesmo tempo em que critica as limitações, Brecht aponta sugestões para retomar o diálogo e estimular nesse meio, um aprendizado construtivo.

Neste ponto, os educadores Paulo Freire e Sérgio Guimarães (1983, p. 32) afirmam, mencionando "vamos botar o rádio", de modo categórico, que essa mídia contribui no ensino, desde que os diálogos sejam mantidos, com estimulação pedagógica – e, de certo modo, a própria maneira com que a linguagem oral simplifica o entendimento e pressupõe um fluxo dinâmico em duas vias, análogo a uma conversa interpessoal.

Assim, formas de expressão surgiriam em um retorno orgânico, abrindo fisionomias para o diálogo (BOLLE, 1994) e este, conduzido ao esclarecimento, decorreria em um debate à distância, como por exemplo, no uso de ferramentas cibernéticas, o aparecimento de formas de compartilhamento de informação e experiências, agregadas à latente ampliação da expressividade de usuários em redes sociais, faz com que se destaque a constante atualização de informações reportadas, assim como os debates decorrentes, por uma esfera de complementação da interação radiofônica.

Antes que a rede informática operasse em caráter comercial, o jornalista e escritor norte-americano, Alvin Toffler, na década de 1980, cunhou em seu livro "A Terceira Onda" (TOFFLER, 2007), a palavra *prosumer*, que se refere a dispositivos eletrônicos que proporcionam não apenas a escuta (con*sumer*), mas também a produção de material (*pro*ducer). Com uma relativa acessibilidade e disponibilidade de equipamentos com estas características a um custo acessível, expande-se o número de *prosumers*, juntamente com a facilidade de copiar material – processo análogo à prática correspondente, referida como "radioescuta" (audição de estações de rádio como fonte de informação noticiosa para uma emissora ou pauta jornalística), que se restringia ao texto verbal no rádio.

O desenvolvimento deste quadro teórico também remete à exemplificação do livre-docente em Ciências da Comunicação da Universidade Complutense de Madrid, Mariano

Cebrián Herreros (2008, p. 13), sobre a profusão de emissoras virtuais: conduzidas por usuários que buscam experimentar a radiodifusão em um meio que proporciona a transmissão ocasional de conteúdo sonoro sem a constatação de um entrave real de restrição de canais sonoros. Trata-se de uma forma análoga às manifestações das emissoras de rádio livre (AGUILERA, 1985), ainda que se considerem as novas formas de interação pelo ciberespaço e do processo de adaptação do hábito da escuta a partir do computador com conexão à Internet.

Neste contexto, surge uma premissa e, no tocante às possibilidades de vislumbrar novos contextos radiofônicos finalidade em duas partes (ou etapas): a partir do aumento da interatividade, estabelecendo um canal efetivamente aberto na(s) emissora(s), com possibilidades de interferência dos usuários com a equipe de radiojornalismo durante o processo de desenvolvimento de pautas e registro de material radiofônico por meio de dispositivos portáteis com conexão com o ciberespaço, ocasionando a interatividade no rádio, ao ganhar mais força e o usuário desfrutar do papel de *prosumer* ao produzir materiais radiojornalísticos. Diante deste cenário, caberia ao jornalista à função de mediar e analisar o conteúdo com base na objetividade e nos critérios de credibilidade, demonstrados pelo teórico e pesquisador em jornalismo, Nelson Traquina (2005, p. 88).

Para esclarecer objetivos e testar possibilidades em um assunto relativamente recente, a metodologia de *pesquisa exploratória*, com base em questões indefinidas, se justifica ao abrigar os estudos de casos, pesquisas bibliográficas e de campo (entrevistas) e a elaboração de tabelas com resultados obtidos diante da utilização destes recursos. Para o sociólogo Earl Babbie (2013, p. 18), apesar do rótulo "*pesquisa exploratória*", convém ressaltar que os procedimentos mencionados dificultam essa caracterização, uma vez que se utilizam outros elementos metodológicos com influência direta, sobretudo os estudos de casos.

Ao proporcionar uma intercomunicação, de certa maneira, o rádio se destaca como um meio propagador de informação e, por conseguinte, um canal de comunicação (BRECHT). O recurso da *instantaneidade* demonstra que existe um meio ágil capaz de assegurar uma comunicação direta. Assim, as formas de compartilhamento em complementaridade com a inserção do ciberespaço, visa uma aproximação entre sujeitos, como esclarece o professor da USP, Sérgio Bairon Blanco Sant'Anna:

> Então, como ser invisível, àquilo que não se vê? Tudo no cotidiano é perceptível. Este problema também se refere às ações pouco abordadas: o princípio teórico-filosófico defende a construção do quadro da ação institucional, quando disponibilizar espaços se abrem e assim, partilhar o conhecimento produzido. Essa relação é verdadeira quando falamos do rádio, já que há lugares em que ele é a única saída... E ainda é por causa da fala local. (SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco, em entrevista concedida em 23/09/2011).

Este contexto inicial busca abrigar a metodologia a ser utilizada, em especial, para analisar o uso de instrumentos cibernéticos no radiojornalismo, a ser enfocado nas seguintes circunstâncias:

1. Material jornalístico em formato sonoro produzido e veiculado em portais cibernéticos, destinados à irradiação por emissoras hertzianas que operam no espectro eletromagnético;
2. A possibilidade contígua de se ouvir materiais radiojornalísticos e de se produzir em meio a equipamentos popularizados com esta característica. Este processo, iniciado com gravador de fita magnética e, atualmente, se desenvolve com computadores conectados à Internet.

3. Desafios de convergências

Quando o filósofo e pesquisador de cultura midiática, Pierre Lévy, destacou em seu conceito de "Inteligência Coletiva" (1999) não apenas um suporte multimidiático ou hipermidiático que comportasse várias formatações havia sido considerado, mas a necessidade de se repensar o ser humano diante dessa mudança no cenário de difusão:

> É por isso que *a transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social deverão deixar de ser atividades separadas. Devem realizar-se do todo da sociedade para si mesma, e potencialmente e qualquer ponto que seja de um social móvel a qualquer outro*, sem canalização prévia, sem passar por qualquer órgão especializado. Existem técnicas adequadas para obter esse resultado? Que engenharia corresponderia à ascendente economia das qualidades humanas? (LÉVY, 1999, p. 45-46, grifos do autor).

Neste processo, também se faz necessário, mencionar a convergência, descrita pelo pesquisador e teórico de cultura e comunicação, Henry Jenkins (JENKINS, 2009, p. 31), quando descreve os recursos de interatividade no ciberespaço como um lugar multifacetado, que faz existir, ao mesmo tempo, nas mídias tradicionais (impressa e eletrônica) uma

coexistência, que não significa repetição ou retransmissão, mas extensões e complementações de determinado produto.

> Pode me chamar de ultrapassado. Algumas semanas atrás quis comprar um telefone celular (...). Não queria câmera de vídeo, câmera fotográfica, acesso à Internet, MP3 player ou games (...). Não queria o equivalente eletrônico do canivete suíço (...). Os vendedores me olharam com escárnio; riam de mim pelas costas. Fui informado, loja após loja, de que não fazem mais celulares de função única. Ninguém os quer. Foi uma poderosa demonstração de como os celulares se tornaram fundamentais no processo de convergência das mídias. (JENKINS, 2009, p. 31)

Entretanto, isso não significa que a restrição aplica-se em uma *versão alternativa* de uma produção radiojornalística, mas sua extensão: passam a desempenhar papéis de comunicação dinâmicos, a partir de espaços proporcionados para a expressão. Para a livre-docente da USP, Gisela Swetlana Ortriwano (1985, p. 76), o potencial de integração do rádio, se forma com um constante intercâmbio de funções: o ouvinte se torna falante e este passa a se pronunciar, tendo em vista o diálogo com o objetivo de esclarecer as informações trocadas, ou compartilhadas.

Nos termos de Jenkins, a convergência abriga um entrecruzamento de mídias cibernéticas, no qual um evento desencadeia produções paralelas, como por exemplo, no radiojornalismo: um fórum virtual debatendo um assunto transmitido por ondas hertzianas. Contudo, nas décadas de 1940 e 1950, especificamente, o rádio teve uma convergência específica para o formato *magazine*, com a "Revista do Rádio".

Figura 01: Revista do Rádio, número 406, de 22 de junho de 1957, com destaque para uma entrevista com a cantora Ângela Maria. Disponível em: http://bimg1.mlstatic.com/revista-do-radio-n-406-220657-pster-central_MLB-F-3194992591_092012.jpg. Acesso em 22/04/13.

Como as edições desta publicação eram realizadas oficialmente pelas editoras, o foco se centrava no conteúdo dos programas de entretenimento, a realização e produção de material midiático paralelo, com relativa interação de ouvintes (na seção de cartas publicadas), demonstra que o potencial de convergência se não fora testado nos termos de Jenkins, havia um cenário midiático profícuo para que diferentes formatos possibilitassem a produção de materiais diversificados. No exemplo da Figura 01, a entrevista com a cantora Ângela Maria passa a discorrer entre diferentes formatações, pois uma pessoa quando sintonizava a estação radiofônica e escutava uma canção, ao mesmo tempo em que poderia ler a matéria na "Revista do Rádio".

Figura 02: parte da entrevista com Ângela Maria em 1957, com o *lead* situado no topo direito da página, seguido por chamadas contendo destaques do texto principal. Disponível em: http://img2.mlstatic.com/revista-do-radio-406-1957-cauby-angela-isaurinha-emilinha_MLB-O-3365879082_112012.jpg. Acesso em: 22/04/13.

Para informações mais detalhadas sobre diversas publicações que já foram editadas no Brasil, além desta revista, menciona-se a dissertação de mestrado do jornalista e radialista Pedro Serico Vaz Filho, "Jornalismo Sobre Rádio" (2009), que estudou especificamente o tema. Porém, a proposição de configuração como convergência, como objetivo desta pesquisa, busca compreender um histórico de acoplamentos de outras mídias que teriam acontecido no rádio brasileiro.

Ao abordar aspectos diferenciados sobre as plataformas digitais no rádio, deve se considerar a disponibilização reticular de conteúdo multimidiático que pode ser elencada por gosto e critério de quem os escolhe e elenca. Esse tipo de audição personalizada se define como *on demand*, caracterizada pela montagem por meio de um mapeamento do áudio disponível e como cada som será ordenado, com base nos filtros de um sujeito atua como quem constrói uma dependência com estruturas pré-moldadas.

A fragilidade deste tipo de perfil se constata pela natureza da radiorreportagem: o acontecimento possui um tempo determinado em certo local e de maneira repentina. Não basta apenas o repórter ter contato ou buscar em portais informativos um assunto para se noticiar, pois as circunstâncias do fato se apresentam de uma forma súbita ao mesmo tempo em que a importância de se reportar um acontecimento também possui relação com a abrangência de quem vai ouvir quanto da forma que irá afetar tais sujeitos. A manutenção do contato do radiojornalista com o público faz-se necessária para que as pautas se aproximem do local e principalmente das pessoas. O jornalista e doutor em Ciências da Comunicação, Jorge Kanehide Ijuim, professor na Universidade Federal de Santa Catarina, ao fazer a seguinte menção:

> Vivências como as expostas aqui lembram o que Luis Carlos Restrepo chama de 'analfabetismo afetivo' (1998, p. 18-20)[...] Parece estar claro que a educação tem por papel fundamental preservar e transmitir, de maneira crítica, o conhecimento historicamente acumulado. Mas essa maneira crítica supõe, no entanto, atitudes e valores que podem determinar como e com que finalidade esse conhecimento acumulado é trabalhado". IJUIM, 2006, p. 26-27.

Dessa forma, se consolida um ciclo de repetição das mesmas notícias em períodos determinados. Tal *saturação* de informações idêntica à primeira veiculação deixa de esclarecer para se tornar mero acúmulo, ou "desinformação", por conta da falta de contextualização e articulação: sem os vínculos históricos e os complementos, a informação pode ser passada, mas não significa ser entendida em diversas dimensões.

Então, um formato com a pretensão de expor conteúdo *all news* baseado na repetição, se deixa de contribuir na formação de repertório, devido à reminiscência da dúvida sem a possibilidade de esclarecê-la.

4. Ciclos a se completarem

A tese defendida pelo pesquisador português Pedro José Ermida Figueiredo Fernandes Portela (2010) considera-se dois tipos de convergência, a internet no rádio de Portugal e desta mídia no ciberespaço, quando o pilar da democratização radiojornalística se estrutura para a abertura e ao diálogo. Em termos mais simples, "estimular a participação em um meio em mudança" com atitudes assertivas: abrir espaço para o público se expressar

– não se referindo apenas com a metáfora da *porta aberta*, mas do rádio *cobrir* a população, ao "buscar um contato direto e individual com o ouvinte" (2010, p. 86).

5. Estudos de caso: *websites* Radioteca.net (Ciespal) e NPR

Entretanto, os seguintes exemplos que corroboram a situação de *desafio* na produção de material sonoro jornalístico por *prosumers*, como o portal "Radioteca.net", originado em um congresso do Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores para a América Latina) e no NPR, portal do Serviço Público de Rádio norte-americano, que congrega material de emissoras livres com registros gravados por pessoas: ao invés da presença ostensiva de um filtro, baseado no julgamento prévio do jornalista, a teoria de "rede de correspondentes", trabalhado por Nelson Traquina (2005, p. 2010), consiste na flexibilidade das pautas jornalísticas e na constante intercomunicação por meios cibernéticos. Estes ficam permeados pela reportagem de acontecimentos informativos em local e momento específico, testemunhado e relatado pelo registro obtido por uma pessoa que assume a função de correspondente, ainda que a atividade fique voltada ao registro de uma ocorrência.

5.1. Radioteca.net

Este caso, em especial, representa uma ação de aproximação da Academia com a produção existente e ao estímulo para a criação de programas (ou reportagens) independentes, com destaque à seção "Áudios Proibidos – atreva-se a escutá-los". A *Radioteca* foi um projeto ocasionado de uma discussão do II Fórum Social das Américas em 2004, e dois anos depois, foi realizado pelo Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina). As ações desta instituição sobre comunicação alternativa havia sido relatada pelo pesquisador argentino, Daniel Prieto Castillo (In: APARICI, 2010, p. 36), que participou de projetos da Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica (ALER) em países da América do Sul, com uma menção à Rádio Sutaneza (Colômbia), que transmitia sua programação no idioma quíchua e tinha como desafio a educação da população indígena, utilizando o recurso da oralidade do rádio como instrumento pedagógico.

Figura 3: página principal da Radioteca. Disponível em: http://radioteca.net. Acesso em 23/03/13.

O portal também faz a referência à licença *Copyleft*, destacando que todos os áudios disponíveis devem ser compartilhados. Apesar do estímulo à produção radiofônica independente e partilhada, o único quesito sobre desenvolvimento de diálogos, sobre interação e expressividades: a disponibilização não abrange todos os assuntos, pois, em cada seção, uma emissora (eletromagnética ou virtual) pode ser cadastrada e o áudio redirecionado para a transmissão ao vivo. A possibilidade de comentar o conteúdo na respectiva página existe, mas como na rede YouTube, o recurso pode ser acionado ou desativado por quem envia o áudio.

Do ponto de vista que referencia o *modus operandi* da produção jornalística em formato rádio, nota-se a ausência de pautas e da mediação. Ao prescindir destes dois elementos, a *Radioteca* abre mão da função jornalística, ainda que a finalidade dos áudios hospedados no portal tenha finalidade informativa ou de suscitar debates.

Este espaço se focaliza na produção pessoal, subjetiva, voltada para o compartilhamento entre usuários. A fragilidade deste projeto encontra-se na ausência de pautas, que compromete uma qualidade jornalística ou dúvida sobre a procedência dos materiais, no quesito da credibilidade.

5.2. NPR (National Public Radio)

O Serviço Público Nacional de Rádio se refere a um dos distribuidores de conteúdo radiofônico para emissoras livres (pública e/ou comunitária) nos Estados Unidos, que

congrega emissoras livres e comunitárias, com destaque à cobertura noticiosa. Este caso específico remete algo para além da dimensão da *cadeia de redes lineares de rádio*, ainda que a cobertura do local fique em destaque diante do nacional e internacional, em comparação com o tipo de editoria: política, opinião, economia, saúde, ciência e tecnologia – já que existem traços da atuação do jornalista, ao mediar o registro que se enquadra como notícia, se a descrição do conteúdo registrado estaria adequada ao enfoque objetivo ou precisa de esclarecimento.

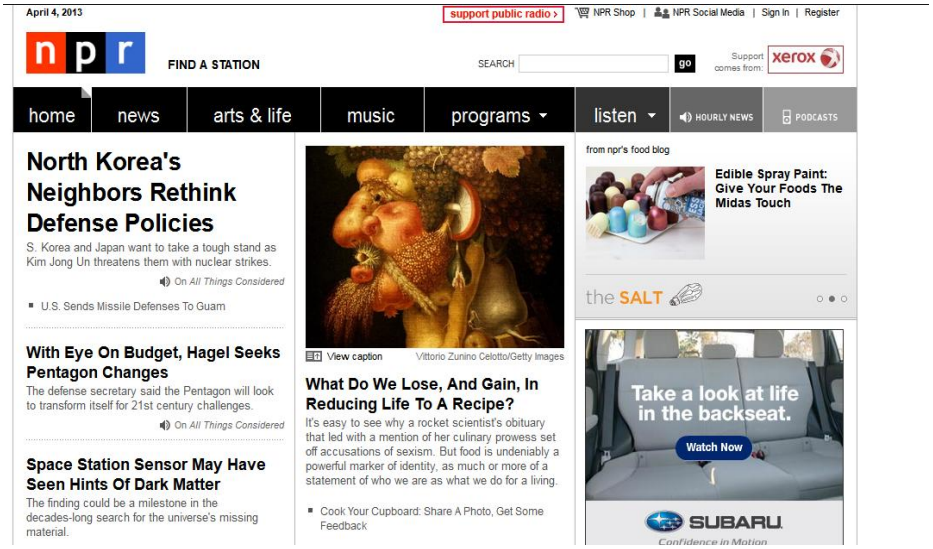
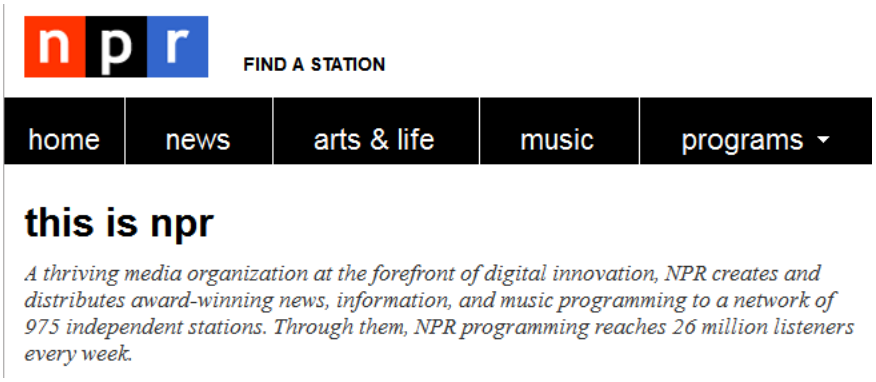


Figura 04: Página principal da NPR. Disponível em: http://www.npr.org. Acesso em 04/04/2013.

Então, a diferença deste caso, encontra-se na atuação do jornalista dentro das disposições normativas de Nelson Traquina sobre as atividades exercidas como profissão (TRAQUINA, 2005, p. 99), especialmente distanciamentos, imparcialidade e universalidade, sendo que este último tópico se demonstra como uma menção ao trabalho da NPR, conforme a descrição abaixo:



"[...] NPR cria e distribui noticiários premiados, informação e programação musical para uma rede de 975 estações independes. Por elas, a NPR chega aos 26 milhões de ouvintes em toda a semana" (tradução minha, in: *Website NPR*. Disponível em http://www.npr.org/about/aboutnpr. Acesso em 23/03/2013).

O ponto fraco deste caso analisado encontra-se na complexidade do tipo de atuação que o jornalista atua diante da comunidade: se a produção independente tem espaço para se expressar ou se o mediador (ou filtro) acaba atuando em excesso, ao ponto de reinterpretar ou recriar o material que foi remetido, a ponto de acabar tolhendo os potenciais das redes cibernéticas e, por fim, inibir a produção comunitária, ainda que a incipiência desta acabe não sendo aproveitada com os devidos cuidados, a ponto de se pensar em formas alternativas de participação nesta produção, um pouco mais além dos padrões convencionados de material sonoro e notícia.

6. Um outro cenário de possibilidades

A disponibilização de ferramentas interativas não iria pressupor um jornalismo comprometido com a apuração dos acontecimentos, em grande parte referente às mazelas da sociedade, que conduziriam a uma melhora das condições cotidianas? Uma fração deste problema se refere a uma questão ainda por resolver no rádio (ORTRIWANO, 1998): a participação do ouvinte e à dinâmica do diálogo como meio eficaz de aprendizagem.

Se as teorias de radiojornalismo (MEDITSCH, 2005) sugerem que a participação da audiência na programação poderia ser explorada de maneira mais intensa, a emergência de plataformas que permitem não apenas a interação, mas a disponibilização de fontes informativas, como revela o jornalista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Elias Machado Gonçalves:

> Nenhum tipo de jornalismo pode, em troca do acompanhamento das ações restritas ao mundo das redes, menosprezar a cobertura de centros que irradiam parcela considerável do poder político de uma sociedade, instâncias dedicadas a elaborar as normas essenciais para o funcionamento das instituições capazes de alterar a rotina de todos (GONÇALVES, 2003, p. 32).

A Internet e as redes de troca cibernéticas oferecem não apenas as ferramentas de interação, mas a possibilidade de retomada dos processos interativos do rádio, podendo constituir canais de intercomunicação instantânea entre ouvintes e repórteres, o que iria pressupor de uma produção jornalística participativa. Deste modo, os resultados obtidos com os estudos de caso podem ser comparados pelo quadro a seguir:

QUADRO I: COMPARATIVO ENTRE OS CASOS ESTUDADOS

Objeto analisado	Radioteca.net	NPR (npr.org)
Origem do meio	*Web*: inspirada pela Academia (por Congresso do Ciespal)	*Web*: congregar emissoras livres dos Estados Unidos
Compartilha material?	Sim (*download* restrito à empresas com CNPJ)	Sim (geradora "Radio-agência Notícias do Planalto"; *weblogs* e canais de usuários no YouTube
Permite interação (ou expressividades)?	Relativo: depende do usuário que publicou o conteúdo habilitar tal função	Pouca. Presença de filtros: há mais material próprio do que os independentes
Conteúdo inde-pendente?	Sim. Formado exclusivamente para suprir *prosumers*	Restrito: depende dos jornalistas da NPR
Probabilidades:	Ausência da pauta compromete a credibilidade do conteúdo	

Tabela I: Resultados dos cenários analisados em comparação lado a lado

Considerações finais

Quando Pedro José Fernandes Ermida Portela também retrata um cenário semelhante ao obtido neste estudo, do qual se considera que comunidades "utilizam o MySpace e YouTube [...] enquanto troca impressões com seus amigos" (PORTELA, 2006, p. 149) em locais diferentes, questiona-se se o tradicional ouvinte de rádio não se sente amparado ou abrigado pelas estações ou serviço informativo disponível em seu *dial*, a maneira conveniente de contornar esta lacuna consiste na construção e manutenção de grupos virtuais dedicados ao material sonoro e então, o consumo *on demand* passaria a ter um significado além da "autonomia": uma afirmação de identidade para os "ouvintes perdidos", sob interações e debates por fóruns virtuais e estes passam a atuar no lugar da emissora de rádio.

Com isso, não se considera que a Internet roubou ouvintes, mas possibilitou que as ferramentas cibernéticas agissem no lugar da estação eletromagnética que, em certo momento, deixou de suprir essa parcela "perdida". Entretanto, se o jornalista deixa de agir como mediador e passa a considerar apenas as contribuições com pouco vínculo na grade da emissora eletromagnética, ou a dispersão do conteúdo multimídia com pouca ênfase ao estímulo reativo das hipermídias, colabora para que os usuários do ciberespaço que não se sentem amparados pela emissora eletromagnética busquem alternativas *on demand*.

A apresentação dos dois casos: Radioteca.net e NPR (npr.org) levantou o embate das estratégias de ampliação das expressividades dos usuários em redes de diálogo e convivência, se não há uma implicação imediata das potencialidades do rádio na Internet

discutidas, enquanto ocorrer uma necessidade de se ter o entrave de um iminente fechamento da mídia cibernética, por dispositivos legais que visam normatizar a produção radiojornalística garante uma situação de concentração e saturação semelhante ao rádio normatizado entre as décadas de 1930 e 1940. O potencial do rádio, evidenciado por Bertolt Brecht (in: MEDITSCH, 2005) e Walter Benjamin (in: MEDITSCH; ZUCULOTTO, 2008), que não chegou a se concretizar diante das restrições, não refletia sobre os recursos ainda em desenvolvimento, o que implica na afirmação sobre um eventual fechamento do ciberespaço venha a desestruturar as dinâmicas de compartilhamento e expressividades, voltados a um aspecto: possibilidade versus permissão.

Neste possível cenário, ainda que seja condizente com o processo de construção da notícia: reivindicar a compreensão, informar e defender a prática da cidadania, também existe a incerteza sobre uma verdadeira contribuição da interação cibernética, como observa o jornalista e doutor em Ciências da Comunicação, Dario Pignotti, ao fazer uma analogia com outros conflitos:

> Nas redes sociais, os protagonistas têm sido os movimentos de revolta, como o caso da Primavera Árabe, do norte da África em 2010. Esse tipo de mobilização põe à prova a capacidade de defesa de um inimigo durante uma guerra: para dar fim às manifestações, o governo egípcio cortou o acesso às redes, mas estas eram repassadas por sujeitos solidários à revolta – em específico, disputar o controle midiático. O problema é: quando a causa reivindicada é atendida, a mobilização pelas redes não se sustenta. Resumindo: depois que toma o poder, acaba. (PIGNOTTI, Dario. Em entrevista concedida em 06/06/2013)

Isso reflete que sem o estímulo de opinar sobre o conteúdo ou reivindicar mais apuração, o enfoque da construção da pauta coletiva não ocorre espontaneamente a partir de um dado *a priori*. Assim como no radiojornalismo convencional, um *feedback* (MEDITSCH, 2005) não diz respeito a uma interação sobre o conteúdo, mas sobre impressões particulares.

Referências bibliográficas

AGUILERA, Miguel. *Radios libres y radios piratas*. Madrid: Ediciones Forja, 1985.

BABBIE, Earl. *The Practice of Social Research*. 13th edition. Belmont: Cengage, 2013.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.* In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (orgs.). *Teorias do Rádio.* Volume II. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. *Dois tipos de popularidade – observações básicas sobre uma radiopeça*. In: BOLLE, Willi (org.). *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1996.

BRECHT, Bertolt. *A teoria do rádio.* In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (orgs.). *Teorias do Rádio.* Volume II. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. *Cinco maneiras de dizer a verdade*. In: *Revista Civilização Brasileira*, nº 05/06. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia Internet*. Trad. Rita Espina, José M. P. Oliveira e Gustavo L. Cardoso. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CASTILLO, Daniel Prieto. *Construir nuestra palabra de educadores.* In: APARICI, Roberto (org.). *Educomunicación: más allá del 2.0*. Madrid: Gedisa, 2010.

HERREROS, Mariano Cebrián. *La radio en Internet*. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2008.

HOWE, Jeff. *O poder das multidões*. Trad. Alessandra M. Araújo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2009.

IJUIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar: do instrumento didático ao instrumento complexo*. Revista Ecos, v.2, nº 2. São Paulo: Uninove, 2000.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação.* Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 2ª edição. São Paulo, 1999.

LOGE, Celso José. *A tomada da Bastilha e do rádio por Walter Benjamin*. Revista Comunicações e Artes, Ano IV, nº 22. São Paulo: ECA/USP, novembro de 1989.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos*. Revista Novos Olhares, Ano I, nº 02. São Paulo: ECA/USP, 2º semestre de 1998.

_____. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*. Revista USP "80 anos de rádio", nº 56. São Paulo: Universidade de São Paulo, dezembro, janeiro e fevereiro de 2002-2003.

_____. *De Brecht aos (des)caminhos do radiojornalismo.* In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (orgs.). *Teorias do Rádio.* Volume II. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

RAMOS, Ricardo; MARCONDES, Pyr. *200 anos de propaganda no Brasil: do reclame ao cyber anúncio*. São Paulo: Meio & Mensagem, 1995.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Introdução às teorias da cibercultura*. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. 2v. Florianópolis: Insular, 2007.

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda.* Trad. João Távora. 30ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Entrevistas

PIGNOTTI, Dario. Entrevista concedida nas dependências da Escola de Comunicações e Artes em 23 de maio de 2013.

SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco. Entrevista concedida nas dependências da Escola de Comunicações e Artes em 23 de setembro de 2011.